



XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

GT-1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

RUBENS BORBA POR UMA BIBLIOTECONOMIA *EMPENHADA E ANTROPOFAGISTA*

RUBENS BORBA FOR A COMMITTED AND ANTHROPOPHAGIC LIBRARIANSHIP

Silvana da Silva Antonio Arduini, Universidade de São Paulo (USP)

Edmir Perrotti, Universidade de São Paulo (USP)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este artigo apresenta um recorte dos resultados de pesquisa de doutorado sobre a formação da Biblioteconomia brasileira como campo social. Investiga as contribuições de Rubens Borba de Moraes, participante ativo do grupo de idealizadores da Semana de Arte Moderna, de 1922, em São Paulo, no processo de institucionalização da Biblioteconomia. A pesquisa foi realizada em acervos ligados à atuação de Rubens Borba de Moraes, figura emblemática da Biblioteconomia brasileira, sobretudo no período entre os anos 1935 e 1948. Para a leitura dos documentos utilizamos a análise de conteúdo. Como resultado, verificamos que o projeto encabeçado por Moraes era parte de um movimento amplo que visava afirmar a Biblioteconomia como um campo político-cultural essencial à constituição de um país moderno, onde bibliotecas e bibliotecários são participantes ativos e indispensáveis à construção da vida social. Por outro lado, ele é porta-voz de uma dinâmica que problematizou a redução da biblioteca a depósito de memórias e conhecimentos com poucos vínculos orgânicos com a sociedade brasileira em sua complexidade e singularidade. Apoiado por Mário de Andrade, Moraes encarna um projeto biblioteconômico que coloca a memória cultural como parte fundante da vida do país, compreendida não como categoria estática e cristalizada, mas como “memória em ação”. Ao dialetizar as relações técnica e política, o nascente campo biblioteconômico brasileiro conjugou técnicas de procedência norte-americanas à orientação preservacionista, de origem francófona, num movimento antropofagista de democratização cultural que significou um novo modo de fazer e de pensar não só a biblioteca, mas a Biblioteconomia e o próprio país.

Palavras-chave: institucionalização da Biblioteconomia; Rubens Borba de Moraes; modernismo; democratização cultural.

Abstract: This article presents an analysis of the results of doctoral research about the constitution of Librarianship in Brazil as a cultural and political field. It investigates the contributions of Rubens Borba de Moraes, an active participant in the group of creators of the Semana de Arte Moderna, in 1922, in São Paulo, in the institutionalization processo of Librarianship. It problematizes the literature of the area that presents Brazilian Librarianship, in its early years, under a dualist aspect that opposes the use of techniques to humanistic and social concern. The research was carried out in collections linked to the work of Rubens Borba de Moraes, an emblematic figure in Brazilian Librarianship, especially in the period between 1935 and 1948. In the analysis of the documents, we used the technique of content analysis. As a result, we verified that the project headed by Moraes was part of a broad movement that aimed to affirm Librarianship as an essential cultural political

field for the constitution of a modern country, where libraries and librarians are active and indispensable participants in the construction of social life. Moraes problematized the reduction of the library to a deposit of memories and knowledge, produced most often in Europe, with little organic links with Brazilian society in its complexity and singularity. On the other hand, supported by Mário de Andrade, Moraes embodies a library project that places cultural memory as a fundamental part of the country's life, understood not as a static and crystallized category, but as “memory in action”. The nascent Brazilian Librarianship combined North American techniques with a preservationist orientation, of Francophone origin, dialectized the technical and political relations, in a modern, committed and anthropophagist attitude, aligning itself with a new and original way of doing and thinking not only to library, but culture and the country itself.

Keywords: institutionalization of Librarianship; Rubens Borba de Moraes; modernism; cultural democratization.

1 INTRODUÇÃO

As “sociedades em rede” (CASTELLS, 2005) acrescentaram novas questões a problemáticas clássicas envolvendo as instituições culturais, dentre elas, as bibliotecas. Recentemente, a avalanche de informações e opiniões colocou em questão o arcabouço conceitual e metodológico construído historicamente em torno dessas instituições, especialmente no que diz respeito ao uso de acervos e sua relação com a sociedade.

Nesse sentido, no Brasil, diferentemente de sociedades onde instituições culturais como as bibliotecas se desenvolveram e tiveram condições para consolidar-se, fomos surpreendidos pela emergência inapelável da nova ordem cultural contemporânea, sem termos elementos teóricos e práticos que nos permitissem responder de modo afirmativo às inúmeras perplexidades que nos tomam de assalto.

Sem sistemas efetivos, robustos e consolidados de memória social, a “cultura da informação” (LE DEUFF, 2010; SERRES, 2014) não tem possibilidade de se constituir como tal, correndo o risco de tornar-se apenas fenômeno de acumulação caótica de signos, desprovidos de sentidos. Informação e memória são, funcionalmente e cada uma a seu modo, contrapartidas necessárias e imprescindíveis uma da outra (OLIVEIRA, 2010). O risco da “desinformação” nos assola, portanto, tendendo a agravar-se na medida em que instituições de memória, como as bibliotecas, os museus, os arquivos, não sejam devidamente e efetivamente revisitadas, repensadas e redimensionadas na ordem social.

Buscamos, assim, rever caminhos traçados no processo de institucionalização do *campo* biblioteconômico brasileiro, tomando a figura emblemática do bibliógrafo e bibliotecário **Rubens Borba de Moraes (1899-1986)** como fio condutor de nosso trabalho. Participante ativo que foi nos circuitos modernistas paulistanos e nacionais, Moraes

articulou as questões culturais e bibliotecárias do Brasil aos projetos que envolviam as grandes questões político-culturais do país. Junto aos modernistas paulistas, acreditava que a cultura letrada e seus objetos privilegiados - os livros e as bibliotecas (CASTRO, 2000; FREYRE, 1943; LEMOS, 1983, 2014, 2016; RUSSO, 1966; SOUZA, 2003) - pudessem atuar na superação das fraturas culturais deixadas como herança de sua *condição colonial* (BOSI, 1992), como, por exemplo, as altas taxas de analfabetismo, a baixa escolaridade e a distância entre a cultura escrita e a sociedade, no país de seu tempo.

O estudo foi desenvolvido a partir de pesquisa documental entendida por Oliveira (2007) como “a busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, tais como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação” (OLIVEIRA, 2007, p.69). Na análise do *corpus*, adotamos uma abordagem qualitativa oriunda da análise de conteúdo compreendida por Bauer e Gaskell (2002) como uma técnica de pesquisa que observa a materialidade linguística do texto. Essa metodologia prevê a leitura das condições empíricas na construção do texto e permite ao analista transferir inferências do conteúdo para o contexto social e vice-versa.

2 PREÂMBULO DE UMA BIBLIOTECONOMIA EMPENHADA¹

Modernista de primeira hora, como o amigo Mário de Andrade, Rubens Borba de Moraes via o livro, as bibliotecas e a educação como categorias centrais para as discussões sobre o que deveria ser o Brasil independente e republicano. Para eles, deveríamos deixar de olhar o livro - e tudo o que se relacionasse a *biblio* - como objeto de memória cristalizada e focar em seu papel de mobilizador sociocultural do presente e do futuro. Nesse sentido, uma teia bibliotecária, constituída não mais sob o critério prioritário da preservação, mas da circulação de ideias (PERROTTI, 2017) viabilizaria tal deslocamento, permitindo ao povo brasileiro acesso à educação e à cultura “modernas”, condição de superação das forças arcaicas que teriam obstruído o caminhar do país rumo a seu destino histórico, de grandezas homólogas às suas enormes grandezas naturais, cantadas em prosa e verso, desde a *Carta de Caminha*.

¹ Tomamos a formação do campo da Biblioteconomia e seus desdobramentos tal como fez Candido (1969) com o processo de “formação” do *campo* da Literatura Brasileira.

Segundo Rubens Borba de Moraes, as bibliotecas eram entendidas, entre nós, como “hospitais de almas”, totalmente apartadas dos problemas nacionais. Necessitavam, portanto, ser redefinidas, assumirem a condição de agentes educativos que, mediante à disponibilização cultural para todos, reverteriam a desoladora posição de insignificância que o país ocupava no concerto internacional das nações. A Biblioteconomia emerge no país, desse modo, sob a bandeira de um Brasil inclusivo, supostamente para todos, e pronto para realizar seu “destino histórico” de país do futuro. Estava em causa a criação de uma Biblioteconomia *empenhada*, tal como Cândido aponta em relação à formação da Literatura Brasileira.

Em 1919, enquanto a cidade de São Paulo ampliava seu caminho de urbanização, um grupo de jovens ligados às letras buscava espaço na sociedade para pensar, discutir e escrever de forma livre sobre artes, política e sobre eles mesmos. Dentro desse grupo, estavam Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Di Cavalcanti, Sergio Milliet, Anita Malfatti, Luís Aranha, entre outros. A eles, juntou-se Rubens Borba de Moraes, jovem também, recém-chegado ao Brasil, após vários anos de formação e estudos superiores em Genebra, na Suíça. Por outro lado, enquanto os jovens modernistas se organizavam em torno das artes, emergiam também em São Paulo movimentos sociais de trabalhadores têxteis, sapateiros, gráficos, padeiros, metalúrgicos e novos protagonistas assumindo um papel importante na problematização da situação política, social e cultural do país.

Desde a proclamação da República, o Brasil via-se dividido, assim, entre a afirmação de suas raízes tradicionais e a busca pela modernidade, pela superação das cicatrizes coloniais, entre o “arcaico” e o “moderno”. Nesse jogo entre forças que se apresentavam como contrárias, havia uma movimentação em torno da busca da identidade nacional, seja por vias centrípetas ou centrífugas. Em nenhuma perspectiva era possível, todavia, ver o Brasil como um quadro humano homogêneo étnica e culturalmente. Isso remetia, portanto, à necessidade de apreender intelectualmente as características do presente do país, a fim de que se viabilizassem outros futuros possíveis para ele (CERQUEIRA, 2010).

Foi entre os anos de 1931 e 1934 que o grupo de intelectuais responsáveis pela concretização da Semana da Arte Moderna e da articulação e publicação das revistas *Klaxon* e *Terra Roxa e Outras Terras* se organizou em torno da criação de um Instituto Paulista de Cultura, que culminaria, em 1935, na implantação do Departamento de Cultura. O objetivo

do grupo, embora não declarado naquele momento, era fazer “política cultural” (MORAES, 1983). Rubens Borba de Moraes (RBM) era parte importante deste projeto, ficando ao seu cargo a Divisão de Bibliotecas.

3 UM BIBLIOTECÁRIO EM AÇÃO

No quadro das concepções preservacionistas de biblioteca, cabia ao erudito, ao homem das letras o cargo de bibliotecário, entendido como conservador e gestor dos acervos (*conservateur*). Sua função era o cuidado e a guarda, resumindo-se do ponto de vista político-cultural e funcional a reproduzir os modos de manutenção e conservação já estabelecidos pela tradição. Eram eficientes aqueles que conseguissem seguir a ordem previamente também estabelecida, assegurando a aplicação das técnicas de organização e preservação de coleções a serem utilizadas por pequenos grupos das elites dirigentes, com o controle atento, tanto dos objetos quanto dos modos de ler os documentos. Os desafios do bibliotecário se limitavam à execução de tarefas cotidianas de controle, centradas, sobretudo, na coleção; condição que o tornava bibliotecário; com frequência um executor de palavras de ordem dos poderes estabelecidos (POIRIER, 2001).

Rubens Borba de Moraes, nos circuitos intelectuais dos quais fazia parte, inaugurara, assim, com a perspectiva modernista, uma concepção distinta no Brasil de biblioteca e de bibliotecário. Esta tinha na circulação e no uso dos objetos culturais seu ponto de inflexão, seguindo o olhar a discursos e práticas que vinham ocorrendo em centros adiantados social e economicamente, em nível mundial. Biblioteca e bibliotecário inscreviam-se em processos de mudanças políticas, econômicas e sociais, próprios da modernidade, e ser bibliotecário em tal contexto, especialmente em países de industrialização e democratização tardias, como o Brasil, deveria significar a adoção de outros saberes, outros fazeres, outras identidades. Para Poirier (2001), que realizou um estudo comparativo entre o que chama de bibliotecário gestor e bibliotecário líder, foram as mudanças tecnológicas (nos meios de produção, organização e disseminação de informações), sociais e econômicas que determinaram uma nova conjuntura, atualmente muito “pouco previsível”, que estabeleceram novos desafios aos bibliotecários, a começar pela reflexão do que é ser bibliotecário no século XX.

É com esse espírito moderno, assumido conscientemente como projeto histórico e cultural, que Moraes se interessou pelos meandros da Biblioteconomia, no mundo europeu e norte-americano. Entre estratégias “de convicção”, procedentes de foro íntimo e de história familiar, e estratégias “de responsabilidade”, assumira as tensões daí resultantes e que marcam até os tempos atuais, sob diferentes formas, os destinos da área e de tudo o que a ela se refere. Talvez se pudesse dizer, uma Biblioteconomia com o “jeitinho” brasileiro, apesar de a marca não ter sido exclusividade nossa. Mas, provavelmente, com sua permanência e assimilação como traço cultural.

Era a primeira vez que bibliotecas e os processos de produção e difusão cultural se projetavam e se explicitavam não só em âmbito local, mas articulados às políticas públicas nacionais, visto que não havia nada semelhante consolidado em âmbito municipal, estadual ou federal². Segundo Mário de Andrade, “[...] o prefeito Fábio Prado deu todo o seu carinho para a organização do Departamento Municipal de Cultura, como uma tentativa de criar em nossa capital um corpo auxiliar da Universidade de São Paulo” (ANDRADE, 1936, p. 3).

O “plano bibliotecário” (MORAES, 1978, 1981, 1983, 1986), que incluía a oferta de formação profissional de bibliotecários, é apresentado como um serviço prestado pelo poder público junto à população, calcado em uma mudança de paradigma na qual a biblioteca preza em primeiro lugar pelo interesse e necessidade de seu público. Nesse caso, a preservação é entendida como um meio necessário para atingir seu fim: oferecer ao povo acesso à cultura letrada, identificada como a cultura própria da modernidade e indispensável aos projetos de modernização necessários a inserir o Brasil em posição de destaque no concerto das nações “civilizadas”.

Pautar a oferta de bibliotecas às necessidades de crescimento da cidade era um dos *slogans* de Rubens Borba de Moraes, que defendia as bibliotecas como instituições essenciais no desenvolvimento de uma população urbana, bem como do Departamento de

² No momento de criação do Departamento de Cultura, já estava em funcionamento o Ministério da Educação e Saúde (MES), um dos primeiros atos de seu Governo Provisório. No entanto, as políticas públicas ligadas às bibliotecas somente viriam a ser objeto do MES após a criação, em 1937, do Instituto Nacional do Livro (INL), dirigido no primeiro momento por Augusto Meyer, com quem Moraes trocou correspondências e também debateu sobre as concepções de biblioteca e políticas públicas de democratização cultural.

Cultura, que apoiara a criação de um “sistema de bibliotecas”³, em vez de bibliotecas isoladas.

Da mesma forma que, em 1930, o Manifesto da Escola Nova afirmava ser a Educação o instrumento básico da superação do atraso do país, os idealizadores do Departamento de Cultura, acreditavam que o motivo central do atraso era cultural. Nesse sentido, RBM atuou com o objetivo de ampliar, com a Escola de Biblioteconomia, a teia bibliotecária atuante em nível nacional que culminaria em um movimento de constituição e consolidação do campo da Biblioteconomia nas décadas seguintes.

4 FORMAÇÃO DE UM BIBLIOTECÁRIO PARA UMA TEIA BIBLIOTECÁRIA

Quando Moraes assumiu a Direção da Divisão de Bibliotecas, em 26 de novembro de 1935, trouxe consigo o repertório cultural construído ao longo de sua carreira intelectual e política, o que viria a ser refletido nas ações que liderou, incluindo a Escola de Biblioteconomia. Para Moraes (1936), no cerne do plano bibliotecário estava a formação dos profissionais que dirigiriam as “verdadeiras bibliotecas”, conectadas ao contexto de urbanização, industrialização e complexificação das teias sociais.

Para Moraes, era necessário ressignificar a biblioteca como instância ativa dos processos de “democratização do mundo” (MORAES, 1936). Nesse sentido, o trabalho da Escola viria a contribuir na institucionalização da Biblioteconomia em dois caminhos: 1) criação de instâncias de reflexão e preparação técnica do bibliotecário como agente histórico-político-cultural; 2) criação de um modelo de sistema de bibliotecas focado em colocar a “memória em ação”. Moraes traz informações do que pensa acerca de como deveriam ser repensados os papéis e a identidade do bibliotecário e interpela por uma saída da biblioteca do âmbito do que é exclusivamente individual, restrita a círculos fechados, para ampliar seu acesso a todos. No período em que a biblioteca pertencia a um universo particular, de um sujeito ou de um pequeno grupo de letrados, o problema da biblioteca era

³ Moraes, por diversas vezes em seus discursos, trata “Rede de bibliotecas” e “Sistema de bibliotecas” como sendo sinônimos. Entendemos que a ideia adotada no Departamento de Cultura refere-se ao conceito de “Sistema de Bibliotecas” que compreende uma biblioteca principal, no caso a Biblioteca Pública Municipal (também chamada de Biblioteca de Referência ou Biblioteca Central) e as bibliotecas de bairro, que por vezes são retratadas como “Bibliotecas ramais”. Observamos que as bibliotecas de bairro e infantil reportavam-se a Rubens Borba de Moraes, o que nos faz observar que do ponto de vista administrativo e financeiro as bibliotecas eram extensões da Biblioteca principal – a Biblioteca Pública, atual Mário de Andrade. Já do ponto de vista pedagógico, podemos dizer que a biblioteca infantil gerida por Lenira Fraccaroli era, por sua vez, autônoma.

atribuído ao bibliotecário, concebido também individualmente ou, no mínimo, apartado do mundo social abrangente.

A sociedade em ebulição encontraria nas bibliotecas e, portanto, nos bibliotecários uma instância mediadora para a inserção dos seus membros iletrados na cultura escrita, ou, de forma mais ampla, uma instância mediadora da sociedade com um mercado editorial em explosão, tanto pelo número de títulos quanto pela abrangência temática.

O papel social do profissional na sociedade brasileira em vias de ingresso no capitalismo industrial extrapolaria as atividades de conservação e gestão de acervos. Ao definir a biblioteca moderna como “um centro de estudos proporcionando as mesmas possibilidades para todos”, Moraes (1936) traz uma interpretação de que as bibliotecas seriam uma das forças motrizes do desenvolvimento nacional, com o papel estratégico de tornar a cultura letrada acessível para uma parcela crescente da população, exposta às transformações sociais cujos primeiros efeitos já começariam a se tornar visíveis na cidade de São Paulo. Para o grupo político do qual RBM fazia parte, a urbanização e a industrialização paulistanas tinham uma apreciação positiva e justificariam suas pretensões de irradiação das ações locais em dimensão nacional.

A democratização da biblioteca para atender a todos sem exceção dialoga com o contexto compreendido pelos modernistas como propício aos processos simultâneos de fortalecimento dos movimentos sociais e profissionalização dos bibliotecários. Os futuros bibliotecários, agora profissionais, participariam da mobilização para lutar por ampliação de acesso à leitura como direito social e condição de construção da vida republicana.

5 UMA BIBLIOTECONOMIA EMPENHADA E ANTROPOFAGISTA

A Biblioteconomia brasileira passou por um processo de institucionalização que consistiu ao mesmo tempo em rompimento, construção e afirmação identitária. Rompimento este com o modelo exclusivo de biblioteca de preservação cultural, representada, por exemplo, pela Biblioteca Nacional, e busca de construção de novas práticas, a partir de orientações bibliotecárias das *public libraries* (modelo anglófono) e da *bibliothèque de lecture publique* (modelo francês). Ou seja, a originalidade do “plano bibliotecário” modernista, consistiu em espécie de iniciativa cultural “antropofágica”, tal como propunha Oswald de Andrade, de quem Rubens Borba de Moraes foi próximo, e que

consistia em recriar em termos nacionais, após deglutição e filtragem, o que havia de melhor na área, no mundo.

Para Moraes, a herança cultural nacional devia estar não somente preservada, mas também organizada adequadamente para possibilitar o gesto essencial e autônomo de recuperação pelos diferentes públicos dos “tesouros” aí guardados; patrimônio público e não privado ou de grupos específicos. Tratava-se, portanto, de mudar a compreensão sobre o lugar da biblioteca na sociedade, dotando-a de condições de acesso ao público, ou seja, em instrumento de disponibilização da memória social, condição de sua recriação. Referindo-se à visão reduzida do papel da biblioteca na sociedade, Moraes registra que tal limitação implicou em improviso, na aceitação de prédios residenciais usados como biblioteca, sem as devidas adequações, impossibilitando, por exemplo, a ampliação dos acervos e restringindo o acesso da população a eles (MORAES, 1978).

O projeto de biblioteca e de Biblioteconomia em que o modernista se envolveu vai em direção à redefinição identitária do país, por variados caminhos, dentre eles o da afirmação das raízes, da suposta memória cultural fundante da sociedade brasileira e que se caracteriza pela diversidade e multiplicidade de povos e culturas. Nesses termos, não se tratava, simplesmente, de construção de bibliotecas ou da ampliação do número de “usuários” dos registros escritos e devidamente tratados e organizados. Tratava-se, antes, da unificação da nação em torno de sua memória cultural, de suas bases identitárias diversas, fundantes, mas dinâmicas e permanentemente em reelaboração.

Se, de um lado, o processo crescente de criação de bibliotecas e de institucionalização da Biblioteconomia possibilitou a criação de um espaço, ainda que restrito de práticas e de reflexões sobre tais questões, de outro, veio acompanhado de crises, como talvez não pudesse deixar de ser, especialmente em país que herdara mazelas do sistema colonial que se perpetuam até hoje e podem ser identificadas em discursos de variadas teorias sobre a função social e educativa da biblioteca.

É, talvez, por vivenciar tais contradições e ciente de que participava, a partir do campo cultural, de disputas históricas da sociedade brasileira, que Rubens Borba de Moraes lança a ideia de “militância bibliotecária”, ao defender que os bibliotecários se engajem na política definida como a “arte de prever as consequências dos atos humanos e de orientá-los para que sejam úteis à sociedade” (MORAES, 1947, p. 2). Em referência ao problema

enfrentado pela diplomacia estadunidense previamente a 1942, quando titubeou entre defender um dos lados em conflito ou permanecer neutro, Moraes afirma:

[...] Não há lugar no mundo de hoje para o isolacionista. [...]. Para o bibliotecário de hoje, há um trabalho que convoca homens de boa vontade e fé - a política da paz. Temos hoje a missão de mostrar que vários modos de vida e pensamento podem coexistir pacificamente (MORAES, 1947, p. 2, grifo nosso).

A militância para uma “política da paz” consistiria em “mostrar que vários modos de vida e pensamento podem coexistir pacificamente”. Tal argumentação conduz à compreensão da biblioteca como elemento central para a apropriação das culturas locais/nacionais/internacionais e, tal apropriação, como antídoto, trincheira contra a possibilidade de uma terceira guerra mundial, algo que representaria uma hecatombe nuclear.

Nessas circunstâncias, o termo biblioteca recebe um sentido amplo, compreendido como “lugar” de manifestação e respeito à memória de diferentes povos, com seus modos de vida singulares, sem hierarquizações, como sempre ocorreu com os projetos coloniais que estabeleceram a superioridade cultural e civilizacional do colonizador. Ao bibliotecário é atribuída, assim, a responsabilidade de atuar como agente político-cultural, mediador que compreende a importância de coexistência das diferentes culturas, com suas distintas origens temporais e geográficas, e o respeito aos múltiplos modos de “ser e estar no mundo”.

O cotejamento do discurso de RBM com as ações da Divisão de Bibliotecas, onde atuou sob a direção geral de Mário de Andrade, permite afirmar que Moraes reverberou em discurso de 1947, na ALA (American Library Association), a ideia dos modernistas paulistas segundo as quais a “biblioteca” não se resume a organismos culturais, sem vínculos com a ordem política e social onde se encontra. Seu isolamento não permite transformar um povo que, no caso brasileiro, era ainda, em sua maioria, analfabeto, desprovido, portanto, do direito à cultura letrada em suas diferentes manifestações. Tais transformações, na concepção de Moraes, colocam em jogo articulações complexas que só relações dinâmicas (entre técnica, política e cultura; entre saberes e fazeres práticos e intelectuais; entre tempos e espaços culturais diversos e distintos) seriam capazes de realizar. Não se tratava, pois, de construir um campo técnico em oposição a suposto humanismo, nem uma Biblioteconomia moderna em oposição à clássica. O pensamento antropofagista não

autoriza tais cisões, como demonstram belas realizações por ele inspiradas, tal como o *Abaporu*, de Tarsila do Amaral. As relações vitais de Moraes com o modernismo paulista, sua participação ativa nas revistas *Klaxon* (1922) e *Terra Roxa e Outras Terras* (1926) e ainda na revista *Antropofagia* (1928), pontas de lança do ideário de modernistas, se articulam com a defesa de uma Biblioteconomia que ia além da cópia, seja da Europa, seja dos Estados Unidos. Seu pronunciamento no Congresso da ALA é indicação da busca de superação, da tentativa de originalidade que permeou a formação da Biblioteconomia brasileira. A partir de distintas matrizes e tradições, RBM e porção significativa dos círculos modernistas brasileiros, sobretudo aquela identificada com posições interessadas na problemática das bibliotecas e da Biblioteconomia, atuaram, na falta de uma melhor definição, para a constituição de uma Biblioteconomia compromissada não só com a construção de campo técnico e especializado modernos, como também com sua qualificação e autonomia político-cultural.

Tal como reivindicado por modernistas partidários da antropofagia literária, RBM propunha, portanto, em sua fala no Congresso da ALA, uma direção que colocasse a Biblioteconomia - não só brasileira - em novo patamar, o que, no caso do Brasil, significava participação num movimento universal que caracterizou a modernidade, ao mesmo tempo em que buscava vínculos com o local e o nacional. Nesse sentido, portanto, uma biblioteconomia nem europeia, nem norte-americana, nem clássica, nem moderna, mas antropofagicamente empenhada, buscada e gestada em sua longa experiência de sujeito ligado a diferentes mundos e que aprendera na prática a importância de colocá-los em articulação. O que nomeamos de “modelo antropofagista” de Moraes correspondia não só à episteme voltada à realização dos anseios de jovens em conflito com seus contextos privilegiados de origem, mas tratava-se de uma luta histórica por autonomia e afirmação no concerto das nações. Tal modelo era uma forma de saída para os impasses da guerra, modo de estar em relação com a alteridade, a cultura do outro, sem deixar de ser si próprio, de ser singular na pluralidade. Num mundo conflagrado, que conduziu ao horror nuclear de Hiroshima e Nagasaki, a antropofagia poderia ser alternativa promissora, indicadora de novas direções.

Em 1924, Oswald de Andrade, em um de seus vários manifestos, o *Pau-Brasil*, apelava para um sentido de dupla direção, nas relações políticas e culturais internacionais: “Dividamos: poesia de importação. E a Poesia Pau-Brasil, de exportação” (ANDRADE, 1924,

p. 5). Se transpusermos para o campo biblioteconômico tal máxima, teríamos: “Dividamos: Biblioteconomia de importação. E a Biblioteconomia Pau-Brasil, de exportação”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As posições e realizações de Rubens Borba de Moraes no âmbito da Biblioteconomia indicam que a institucionalização do campo no Brasil, em suas manifestações mais significativas, buscou superar o dualismo entre técnica e humanismo, discurso que ainda hoje pauta manifestações referentes à Biblioteconomia. Um dos objetivos do “plano bibliotecário” por ele representado era, em primeiro lugar, que a memória cultural fosse organizada para circular, para que os sujeitos pudessem entrar em contato com ela e, por esse caminho, se renovassem e a renovassem. A mobilização que resultou na constituição do campo biblioteconômico, no país, foi nesse sentido inovadora. Não se tratava de um projeto de simples ordenação bibliográfica, face à explosão documentária própria da modernidade, especialmente com o desenvolvimento das técnicas de reprodução; tratava-se, antes, de uma ação político-cultural que pretendia colocar a ordem bibliográfica a serviço do processo civilizacional e da superação de amarras coloniais que impediam o país de afirmar-se no cenário das nações ocidentais avançadas.

Moraes, ao se dedicar aos estudos bibliográficos sobre o Brasil, quebrou o paradigma da bibliofilia particular (FONSECA, 1979) e envolveu-se com os problemas histórico-culturais do país, criando assim uma relação intrínseca entre as pesquisas bibliográficas que desenvolvia e o plano bibliotecário que viria a culminar na institucionalização do campo. A relação de Moraes com os livros e as bibliotecas, incluindo a formação da Bibliographia Brasiliana, impulsionou a fixação de uma ideia que partia de um conceito de coleção bibliográfica (DEAECTO, 2011) e avançava no sentido de provocar reflexões sobre o lugar do livro e da memória cultural na história nacional. O novo conceito se traduziu em ação na busca por instituir um novo sentido para as bibliotecas públicas vistas como instância provocadora de mudanças estruturais na fratura social histórica que separava a sociedade da cultura letrada, no Brasil (Moraes, 1983).

Moraes representa, nesse sentido, a busca de suporte técnico necessário para colocar tal plano bibliotecário, vale dizer, político-cultural, em ação. Os acordos firmados com a Associação Americana de Bibliotecários (ALA), ao longo dos anos, nos indicam como Moraes associou a adoção de técnicas então modernas de catalogação e classificação com

concepções de bibliotecas centradas na circulação dos acervos, na sua disponibilização e usos, como condição de afirmação de uma nova ordem histórica no Brasil.

De sua formação europeia, Moraes traz o princípio liberal da “igualdade de oportunidades”, aplicável em uma sociedade como a genebrina, na qual a modernização conduziu a uma diminuição das desigualdades sociais e pôde ser observada e vivida por ele. No entanto, falar em “igualdade de oportunidades” assume sentidos radicalmente distintos para a experiência social paulistana e brasileira, resultante do processo de modernização conservadora, que amplia a produção de excedentes de riqueza apropriados por um número crescentemente menor de pessoas (FERNANDES, 1975), e que não coloca em causa o próprio ideal que o tempo demonstrou incapaz de atender as demandas de educação e cultura da sociedade brasileira.

O “plano” representado por Moraes consistia em impulsionar a formação de um corpo de profissionais com “mente bibliotecária” moderna, que conhecesse a influência das bibliotecas na história das sociedades, capaz de acumular, recuperar e se apropriar do conhecimento histórico da própria cultura e consciente de seu papel na construção de um futuro mais democrático para a nação brasileira, em diálogo com o mundo. Para Moraes, o problema das bibliotecas no Brasil não estava no fato de que não tínhamos biblioteca pública, mas sim no fato de que não tínhamos bibliotecas e nem bibliotecários com o sentido abrangente do significado do termo público (BERTRAND, 2010) – coisa de todos, em que a voz e a expressão não são cerceadas em nome de um preconceito ou de uma cultura erudita, superior. É nesse sentido que a Biblioteconomia brasileira emerge como campo de saberes e fazeres específicos e singulares, mas diretamente empenhados com a afirmação de direitos, no caso, o direito geral à cultura letrada, entendida como bem público. Tal compreensão e realizações que a objetivam, mesmo que parciais, difusas ou descontínuas, constituem-se, portanto, em manifestações que os tempos contemporâneos não podem e não deveriam perder de vista, dado seu significado profundo e essencial de busca de diálogo dos fenômenos culturais com a complexidade e a diversidade dos aspectos constitutivos da vida natural e social.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. Departamento Municipal de Cultura. **O Estado de S. Paulo**, ano 62, n. 20.335, p. 3, 21 fev. 1936. Disponível em: encurtador.com.br/eBM09. Acesso em: 27 jun. 2021.
- ANDRADE, Oswald de. Manifesto da poesia Pau-Brasil. **Jornal Correio da Manhã**, ano 23, n. 9.147, Rio de Janeiro, p. 5, 18 mar. de 1924. Disponível em: encurtador.com.br/jlxGM. Acesso em: 21 abr. 2021.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BERTRAND, Anne-Marie. **Bibliothèque publique et public library**: essai de généalogie comparéi. Villeurbanne: Presses de l'enssib, 2010.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CASTRO, César. A. **História da biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus Editora, 2000.
- CERQUEIRA, Vera Lúcia. Cardim de. **Contribuições de Samule Lowrie e Dina Lévi-Strauss ao departamento de cultura de São Paulo (1935 – 1938)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Duarte (1985)
- DEAECTO, Marisa Midori. Duas Brasilianas. **Livro**: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição, São Paulo: Ateliê Editorial/NELE, 2011, v. 1, p. 39-50.
- FERNANDES, F. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- FONSECA, Edson Nery. da. **Introdução à Biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1992.
- FONSECA, Edson Nery da. Rubens Borba de Moraes e a bibliografia brasileira. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 7, n. 1, 1979. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/75502>. Acesso em: 22 ago. 2021.
- FREYRE, Gilberto. Um bibliotecário. *In*: FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1992.
- LE DEUFF, O. La culture de l'information et l'héritage documentaire. **Documentaliste-Sciences de l'Information**, 2010, n. 3, v. 47, p. 4-11. Disponível em: encurtador.com.br/cBD37. Acesso em 27 jun. 2020.
- LEMOS, Antonio Agenor Briquet. de. Apresentação. *In*: MORAES, R. B. de. **O problema das bibliotecas brasileiras**. 2. ed. Brasília: ABDF, 1983.

LEMOS, Antonio Agenor Briquet de. **Aproximações sobre a regulamentação da profissão de bibliotecário**. Rio de Janeiro: Agência Biblioo, 2016.

LEMOS, Antonio Agenor Briquet de. Em busca dos temas perdidos. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 2, p. 34-50, set. 2014. Disponível em: encurtador.com.br/gyQUZ. Acesso em: 27 jun. 2021.

MORAES, Rubens Borba de. **Aspectos históricos da biblioteca Mário de Andrade e o papel do Dr. Rubens na Biblioteconomia brasileira**. [Entrevista cedida a] May Brooking Negrão. Bragança Paulista, 1983.

MORAES, Rubens Borba de. Cultural Relations with Latin America. **American Library Association Bulletin**, v. 41, n. 9, 15 set. 1947.

MORAES, Rubens Borba de. **Depoimento de Rubens Borba de Moraes**. [Entrevista cedida a] Museu da Imagem e do Som de São Paulo em 18 de set. 1981.

MORAES, Rubens Borba de. **Depoimento sobre a Biblioteca Pública Municipal de São Paulo**. [Entrevista cedida a] Antonio Agenor Briquet de Lemos. Bragança Paulista, 7 de set. de 1978.

MORAES, R. B. de. **Discurso de inauguração da Escola de Biblioteconomia**. São Paulo, 1936.

MORAES, R. B. de. **Entrevista de Rubens Borba de Moraes**. [Entrevista cedida a] Professores da Escola de Comunicações e Artes. Bragança Paulista, 1986. MORAES,

MORAES, Rubens Borba de. **História do livro**. Notas de aula. Transcrição da disciplina Arte e Indústria do Livro, Escola de Biblioteconomia, transcrito por J. Eduardo Oliveira de Barros, 22 abr. 1937.

MORAES, R. B. de. **O problema das bibliotecas brasileiras**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

OLIVEIRA, Eliane Braga de. **O conceito de memória na ciência da informação no Brasil: uma análise da produção científica dos programas de pós-graduação**. 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: encurtador.com.br/gLOS6. Acesso em: 27 jun. 2021.

PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. In: GOMES, H. F.; NOVO, H. F. (org.). **Informação e Protagonismo Social**. Salvador: EDUFBA, 2017.

POIRIER, M. Leadership et bibliothéconomie: description d'un programme conçu pour les futurs leaders des bibliothèques du Canada. **Documentation et bibliothèques**, v. 47, n. 1, p. 33-38, 2001. Disponível em: encurtador.com.br/ltxwL. Acesso em: 27 jun. 2021.

RUSSO, Laura Garcia Moreno. **A Biblioteconomia brasileira: 1915-1965**. Rio de Janeiro: INL, 1966.

SERRES, Alexandre. Culture de l'information à l'université: savoir en jeux, enjeux de savoirs. In: LIQUETE, Vincent. (coord.). **Cultures de l'information**. Paris: CNRS Editions, 2014.

SOUZA, Francisco das Chagas. de. **Modernização e Biblioteconomia nova no Brasil**. Florianópolis: NUP-CED-UFSC, 2003.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1976.